

Isso é (mais que) informação: barbárie e utopia na narrativa sobre o 11 de setembro

This is (more than) information: barbarism and utopia on the narrative about the 9-11

Heitor da Luz Silva¹

Universidade Fundação Oswaldo Aranha

Júlia A. S. de Paula²

Universidade Federal Fluminense



10.11606/2316-9877.2022.v10.e202948

Resumo

Discute a poética de Alan Moore e Melinda Gebbie na história em quadrinhos “Isso é Informação”, uma resposta artística à tragédia dos ataques do 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos. Buscam-se as articulações entre os recursos que constituem a linguagem da mídia dos quadrinhos na obra e potencializam a sua abordagem temática a respeito da violência em uma discussão sobre racionalidade e conhecimento, em contraposição ao uso da informação para a propagação do ódio e do preconceito, o que evidencia uma trilha de barbárie produzida, mas também chama a atenção para a possibilidade utópica de um novo caminho para a Humanidade.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. Alan Moore (autor). Barbárie. Utopia.

Abstract

Discusses the poetics of Alan Moore and Melinda Gebbie in the story “This is information”, an artistic response to the tragedy of September 9th attacks in the United States. It looks for the articulations between the resources that constitute the language of the comics media in this work and enhance its thematic approach to violence, which highlights a path of the barbarism produced, but also the utopian possibility towards a new way for the Humanity.

Keywords: Comics. Alan Moore (author). Barbarism. Utopia.

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. Professor e pesquisador nos cursos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda do Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA), com pesquisa na área de Mídia, Audiovisual e Histórias em Quadrinhos. Publicou o livro *Rock e Rádio FM* (UFF/UNIVALI, 2013). E-mail: htr428@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2336-6665>.

² Doutora em Serviço Social pelo Programa de Pós-graduação da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora na Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF/Niterói), com pesquisa na Área de Trabalho e Direitos Humanos. E-mail: depaula.julia@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4090-937X>.

Introdução

Escrita por Alan Moore e desenhada por Melinda Gebbie, a obra “Isso é informação” trata-se de uma história em quadrinhos publicada em uma revista especial de antologia lançada nos Estados Unidos e que tinha como mote ser uma resposta artística à tragédia dos ataques às Torres Gêmeas, de setembro de 2001. Em fevereiro do ano seguinte, a revista *9-11 Artists Respond Volume One*³ chegou ao mercado norte-americano, contando com a colaboração de mais de cem roteiristas e desenhistas que, assim como demais profissionais e editoras envolvidas no projeto, doaram o valor de seu trabalho para arrecadar fundos para ajudar as vítimas. No Brasil, “Isso é informação” foi lançada apenas em 2019, em um compilado de obras curtas de Alan Moore, o qual serve como referência para a análise aqui empreendida.

Por meio de uma espécie de fluxo de consciência de natureza ensaística e evocando conceitos e discussões que partem do campo da Física e chegam ao da Filosofia, passando, dentre outros, pelo da mídia, a obra apoia-se na noção de informação para refletir sobre a potencialização de conflitos humanos. Articulando distintas referências histórico-culturais, acionadas e concatenadas em prol de seu argumento, ela levanta uma demanda urgente: o grau de complexidade da sociedade do século XXI exige respostas mais elaboradas para o enfrentamento de uma tragédia dessa natureza. Distanciando-se de uma moralidade simplificadora baseada em binarismos, o quadrinho enxerga uma possibilidade de aprendizado, ainda que difícil, diante do ocorrido.

Para a sua análise, recorre-se primeiramente à compreensão do discurso dos quadrinhos como gráfico-narrativo-visual (POSTEMA, 2018), ou seja, entendendo-o como uma espécie de ecossistema específico de linguagens (BARBIERI, 2017) a partir do qual são agenciados recursos textuais verbais e não verbais, ainda que compartilhados com outros meios expressivos com os quais os quadrinhos dialogam, como a pintura e o cinema. Destaca-se em particular a metodologia da artrologia, em suas modulações (geral e restrita), tal como desenvolvida por Thierry Groensteen (2015), o que permite jogar luz, a partir do eixo privilegiado da composição gráfica, nas articulações entre os diversos recursos operacionalizados pelo meio. Mais adiante, o artigo estabelece um diálogo com

³ 9-11: Artists Respond. Milwaukee, Or.: Dark Horse Comics, 2002.

referências que visam tangenciar a abordagem de uma ética conforme debatida por Marilena Chauí (2000), buscando discutir a crítica da realidade presente na obra ao identificar o uso da violência como chave para manutenção do sistema capitalista, num ciclo irracional que gera a barbárie, o que leva à urgência de que seja pensada uma nova forma de sociabilidade (MENEGAT, 2003).

1 – Entrelaçando elementos e sentidos: estrutura formal e abordagem temática da obra em análise

A articulação de um discurso como o da obra aqui analisada se dá a partir do reconhecimento de que os “elementos dos quadrinhos são parcialmente pictóricos, parcialmente textuais e, por vezes, um híbrido dos dois”, compreende-se o meio como “um sistema em que o número de elementos ou fragmentos díspares trabalham juntos para criar um todo complexo” (POSTEMA, 2018, p.14-15). Diante disso, segue-se, porém, a mesma perspectiva de Groensteen (2015) ao enxergar a proeminência da imagem sobre a palavra, algo que se daria, sobretudo, pela organização espacial para a composição e leitura da narrativa deste meio.

Compreender as histórias em quadrinhos sob a perspectiva do autor (sobretudo do ponto de vista da noção de rede) será chave para a leitura do modo como Alan Moore articula todo um conjunto de referências em sua abordagem narrativa que busca, a partir dos escombros de uma tragédia específica, recompor sentidos que joguem luz sobre as estruturas de uma sociedade em ruínas que deve ser repensada. Desde o início, a obra introduz elementos que serão retomados em prol da consciência reflexiva que produz a respeito da desconstrução do caos universal gerado pelo uso da violência. É notável que cerca de metade das suas vinhetas traga uma ou duas mãos em destaque (a maioria em plano detalhe), além de torres, dois elementos que serão centrais para a condução da discussão travada em torno do agenciamento simbólico que estas imagens evocam.

Antes de avançar nessa discussão, cabe destacar a proposta de Groensteen (2015) de uma inversão importante nos estudos sobre as histórias em quadrinhos que trilharam a tradição semiológica: em vez de colocar o foco em uma unidade mínima, o autor o desloca em prol de unidades maiores e mais fundamentais (como as vinhetas) para pensar o meio como um sistema que permita uma leitura analítica

mais produtiva. Investindo na ideia da solidariedade icônica como único elemento ontológico dos quadrinhos, o pesquisador dá destaque ao dispositivo espaçotópico (relacionado a imagens que ocupam um lugar no espaço).

Sob a chave do equilíbrio em uma escritura classicista, a unidade de composição da obra em questão articula o todo de sua mensagem com suas partes significativas no sentido groesteeniano, encontrando em sua planificação um lugar de fundamento estrutural. Qual seja, o equilíbrio que convida o leitor a uma ação após o desenvolvimento de toda uma reflexão crítica sobre a tragédia do 11 de setembro está presente desde o planejamento gráfico da obra, composta a partir de um grid que divide todas as suas páginas do formato de um *comic book* tradicional, em três tiras horizontais de igual tamanho, com vinhetas também distribuídas de forma a respeitar rigidamente o ideal de simetria classicista. Dispostas a seguir (figura 1), as páginas nos ajudam a visualizar tal organização, marcada pela regularidade e discrição:

Figura 1 - Layouts das seis páginas da história em quadrinhos



Fonte: Moore, Gebbie, 2019. Acervo dos autores.

Como se pode perceber, apenas na terceira página não são utilizadas nove vinhetas ocupando o mesmo espaço. Porém, o esquema de equilíbrio busca ser mantido quando as duas mais largas ocupam cada qual um espaço duas vezes maior, a primeira mais à esquerda na segunda tira e a segunda mais à direita na terceira e última tira. Ao invés de termos 54 quadros em 6 páginas, temos 52. Tal quadriculação se justifica quando pensamos em outra opção de natureza estrutural, notando a importância de ser tal o número exato de cartas de um baralho tradicional, como destaca o crítico Marc Sobel (MOORE; SOBEL, 2019), opção que será fundamental na construção simbólica do sentido atribuído às torres criadas pelos seres sociais.

Discutindo ainda essa estruturação geral que organiza formalmente a obra, a artrologia proposta por Groensteen (2015) apresenta-se como método de análise privilegiado, entendida como estudo das articulações entre unidades maiores próprias da linguagem das histórias em quadrinhos. Pensando em sequencialidade tanto quanto em simultaneidade, o autor confere dessa forma muita importância para a organização do discurso dos quadrinhos ao quadro/vinheta, mas também à prancha/página, sobretudo pela valorização dos elementos que contribuem para tal destaque na poética do meio: o requadro e o hiperquadro ou moldura (a ideia de um grande quadro que delimitaria o espaço de uma página), responsáveis pelas funções de: (a) confinamento, (b) separação, (c) ritmo, (d) estrutura, (e) expressão e (f) indicação de leitura.

Entre o quadro e a página, o autor destaca ainda a relevância da tira como um espaço intermediário, bastante operacional especialmente em layouts mais regulares, como é o caso de “Isso é informação”. Sem quaisquer quebras de ritmo em relação à harmonia do esquematismo de suas páginas, nada chama atenção em particular além do que cada quadro ou tira em articulação gráfico-icônica, evitando-se, dessa maneira, quaisquer arroubos, tudo em prol do argumento geral. E, como nos lembra Barbieri (2017, p.133), o esquema de equilíbrio na composição gráfica projetada na quadriculação, conforme buscamos argumentar nesse momento, encontra-se como chave de leitura privilegiada da poética dessa obra.

Groensteen (2015) traz ainda a importante ideia de uma artrologia geral. Conferindo ênfase a uma noção de entrelaçamento, pensada a partir da noção de rede e enfocando quadros que dialogam em distanciamento, quer na mesma página,

quer em páginas afastadas, a artrologia geral é articulada a partir da ideia de série. Esta, compreendida como a perspectiva de sucessão descontínua de imagem em elo icônico, plástico e/ou semântico, podendo emergir de forma sincrônica (onde o leitor consegue enxergar simultaneamente) e diacrônica (quando há o diálogo com o que está distante em termos de páginas ou mesmo de fascículos/volumes de uma obra, se se trata de uma história seriada). Essa visão entende e estende, para além da sequencialidade, a compreensão da poética dos quadrinhos. O autor enxerga o entrelaçamento em particular como consciência do sistema dos quadrinhos, a qual vemos explorada com muito domínio por Alan Moore na costura narrativa de uma obra tão curta como a aqui analisada.

A partir da história, podemos identificar como os quadros, em associação pela solidariedade icônica, ganham extrema relevância em sua composição, a fim de ilustrar como é possível articular o discurso de uma crítica mais ampla à sociedade que se estrutura com base na violência, demonstrada já na primeira página da história, diante da ênfase conferida a elementos que destacaremos, a começar pelo quadro da mão que está para colocar mais uma carta em uma torre em um quadro sucedido por outro em que essa torre desmorona já na primeira de suas tiras (figura 2):

Figura 2 – Torre de cartas que desmorona



Fonte: Moore, Gebbie, 2019, p.123, 2019. Acervo dos autores.

Trata-se de um quadro que tem sua iconicidade retomada, repetindo-se logo na terceira tira da segunda página, em par com o mesmo quadro que

aqui o sucede, agora já com o texto que prenuncia a potencialidade de um aprendizado para que um mesmo erro não aconteça. Ele retorna como o último da segunda tira da página 5, acompanhado de um texto de recordatório que evoca a complexidade de respostas para o novo século, e não mais com o elo icônico sequencial estabelecido com as cartas que desmoronam em seguida. Na penúltima tira da página derradeira da história em quadrinhos, o seu último retorno, sucedido então pela carta da torre do tarô, representando a possibilidade de conhecimento que aponta para uma oportunidade de superação de dualismos simplistas que envolvem os posicionamentos mais típicos e clichês em torno da guerra e do ciclo de violência estruturalmente gerado e alimentado.

O simbolismo, como o da torre de cartas que desmorona, é uma representação do sistema forjado em bases frágeis e, junto com a imagem da mão que traz a humanidade para a ação, se constituem referências retomadas ao longo da história para a análise da construção do pensamento. Assim, há as conexões entre os quadros, estabelecendo a relação de entrelaçamento que define um todo que, lado a lado, compõe uma narrativa que não existe isolada em seus elementos, portanto. Nesse sentido, é interessante notar ainda como o quadrinho articula o entrelaçamento de dois estilos distintos de traços para essas mãos a fim de produzir a síntese de uma visão sobre o papel do ser social diante das associações possíveis entre o simbólico e o histórico. De um lado, um traço mais cartunesco permite expor, no diálogo com as crenças e valores relacionados às torres de cartas empilhadas, um potencial de construção; de outro, um traço mais realista parece evocar a racionalidade do mundo histórico até aqui produzido pela humanidade, que tem gerado destruição. A importância simbólica da ação dessas duas mãos se encontrando na última vinheta da narrativa alude à potencialidade utópica de produção de uma nova sociabilidade, a ser construída sob bases diferentes

Podemos, então, trazer o debate acerca do conhecimento inspirado nas referências utilizadas na história – obras de arte, ciências evocadas (humanas e exatas) e a crítica à técnica –, e, tendo como centralidade os papéis desempenhados pelo ser humano ao longo da História, afirmar que a ideia reforçada pela imagem de mão, que aparece em 34 dos 52 quadros que compõem a narrativa, representa o Homem no seu sentido genérico e abstrato,

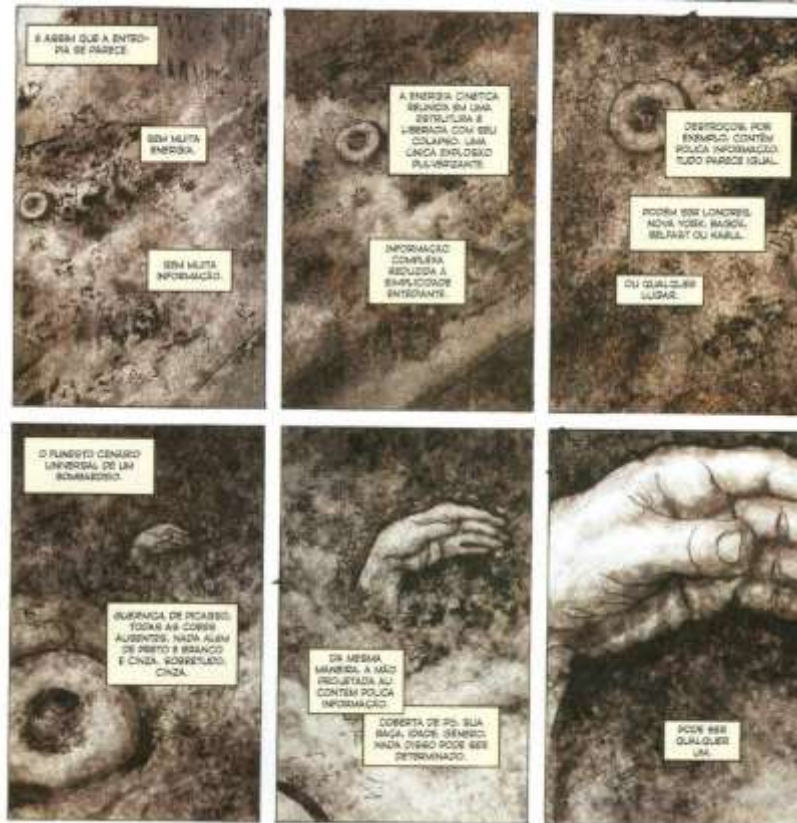
mas também reproduz o sentido da intencionalidade e o simbolismo de como é desenhada. Denotando a funcionalidade da ação, seja a criação ou a destruição, a mão transmite uma informação: o ser social é o único que pode criar e modificar sua realidade.

2 - Um outro olhar a respeito do 11 de setembro

Com a análise realizada a partir de utilização de informações das leis duras da Física, o roteirista Alan Moore reflete a respeito de questões sociais mais amplas gestadas pela ação de criação humana, considerando sua forma abstrata e concreta, no discurso de como o conhecimento também pode gerar a produção de armas que serão utilizadas para o extermínio em massa, em qualquer lugar do mundo. Traz o leitor para se colocar em meio a um bombardeio que, realizado em diferentes países, não escolhe quem atingirá, sendo a mão que surge dos destroços desse acontecimento a de qualquer indivíduo, uma vez que “coberta de pó, sua raça, idade, gênero, nada disso pode ser determinado” (MOORE; GEBBIE, 2019, p.123) e pode, inclusive, ser a do próprio leitor.

Um recurso utilizado para gerar a integração, num movimento de romper com o distanciamento, e criar a conexão de quem lê como participante do colapso, é o da aproximação “em zoom” (figura 3). Ao usar, nesse momento, um recurso que remete à linguagem do cinema, a obra propõe a visualização da humanidade em escombros. Uma ideia que aparenta expressar a preocupação de que as informações sirvam para romper com os mitos e preconceitos diante da questão central: todos somos seres humanos.

Figura 3 - Aproximação “em zoom” da humanidade em escombros



Fonte: Moore, Gebbie, 2019, p. 123. Acervo dos autores.

Nesse momento, observa-se o desenho de uma mão realista que pode remeter à pintura renascentista da Criação de Adão de Michelangelo (figura 4) e aos tons de cinza do quadro Guernica de Pablo Picasso (figura 5), explicitado não apenas pela associação plástica-pictórica, mas também pelo texto verbal da narrativa. Aqui a obra une a criação e a destruição manifestada na arte numa perspectiva de resgate da racionalidade, na busca por uma humanização.

Figura 4 - Criação de Adão, de Michelangelo



Fonte: Michelangelo, 1511. Capela Sistina, Vaticano. Imagem disponível em: <https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2008/04/criacao-adao-450x208.jpg>. Acesso em: 18 nov. 2022.

Figura 5 – Guernica, pintura de Pablo Picasso



Fonte: Picasso, 1937. Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia, Madrid, Espanha. Imagem disponível em: <https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2009/08/guernica.jpg>. Acesso em: 17 nov. 2022.

Em diálogo com a ideia da ação humana, Moore demonstra como, mais uma vez com o uso da mão, o acesso à tecnologia da informação como telefone, televisão e computador, mas também da elaboração de histórias que trataram a informação reproduzindo os discursos de ódio das mais variadas formas, como a potencialização de reações xenofóbicas e homofóbicas, após o 11 de setembro. E embora pareça absurdo que se consiga relacionar a ação violenta de um grupo terrorista com homossexualidade e aborto, trata-se de um fato que o autor introduz realizando uma crítica na terceira página, primeiro quadro, com a fala: “Eles cancelaram o programa da Ellen! É hora do troco!” (MOORE, GEBBIE,

2019, p.125). Segundo Marc Sobel, no ensaio que compõe a edição brasileira, “um dos elementos principais que preocupam Moore é a repentina disparada da hostilidade que despontou depois dos ataques”, como a islamofobia e a intolerância, sendo confirmado pelas informações de 2022 disponibilizadas pelo autor, do aumento de denúncias de crimes anti-islâmicos em mais de 1600%, desde o 11 de setembro. Um salto de 28 para 421 casos relatados. (MOORE, SOBEL, 2019, p.158).

Assim, pensar a ação humana como dotada de potencialidade racional não significa excluir a realidade que é o uso da mesma de forma acrítica. Como discute Chauí (2000, p.8), “nossa vida cotidiana é toda feita de crenças silenciosas, da aceitação tácita de evidências que nunca questionamos porque nos parecem naturais, óbvias”. Os indivíduos possuem percepções e vivências diferenciadas, objetivas e subjetivas, constituintes do ser em sua formação a partir de trocas como resultado de um processo construído ao longo da vida: normas, costumes, valores morais, políticos, religiosos, artísticos, nas relações familiares, de amizade, emprego, entre outros. Indica-se um processo de individualidade que passa pela construção coletiva, sendo a relação histórica, social, econômica e cultural. A análise de Alan Moore se dá nesse caminho, ao apresentar os discursos criados em diferentes meios de comunicação a respeito dos atentados e uma reprodução passiva dos telespectadores, demonstrando, porém, diante desta, a indignação.

Seguindo essa perspectiva crítica, para continuar a tratar da temática da violência simbólica e concreta, o uso de cartas de baralho é um referencial importante, já presente na primeira página e retomada na segunda, agora com uma pequena variação icônica, com a inclusão da carta do Tarô. Com a imagem da construção de uma torre de cartas indicando que os seres sociais são os únicos animais que fazem planos, constroem e destroem a partir dos conhecimentos e crenças de sua vida, a obra traz esses elementos como estruturas frágeis que podem ser desconstruídas e sugere que seja utilizada a experiência do desastre como oportunidade para reflexão. Para isso, agrega-se ao significado da Torre na carta de Tarô o caminho a ser seguido para a necessária mudança a partir da repetição da simbologia da torre em ruínas, propondo ao leitor que algo novo pode surgir desses destroços.

Desta forma, é compreensível que a construção da arte, de prédios, sociedades e ideologias, assim como suas ruínas, devem ser analisadas partindo da relação tempo e espaço, o que passa também pelo conhecimento da especificidade de cada momento histórico criado pela ação do Homem dotado de racionalidade. A narrativa de Moore convida os leitores à indagação: a sociabilidade construída até aqui permite aos indivíduos um processo de construção e desenvolvimento da potencialidade humana?

Entende-se que o diálogo de Chauí com o roteiro de Moore possibilita a recusa dos discursos simplistas e contribui para questionar a obviedade, reforçando a ideia de que o indivíduo é o único capaz de questionar as torres criadas: “As pessoas constroem torres... casamentos, carreiras, impérios, fortunas, ideologias... com a intenção de alcançar Deus. O relâmpago é a informação colocando nossas ideias sobre Deus em perspectiva” (MOORE, GEBBIE, 2019, p.124), sendo que “a reflexão filosófica é radical porque é um movimento de volta do pensamento sobre si mesmo para conhecer-se a si mesmo, para indagar como é possível o próprio pensamento.” (CHAUÍ, 2000, p.12).

Defende-se, portanto, que já na segunda página da história, está a convocação dos leitores ao estranhamento, ao movimento necessário de romper com toda forma de dominação, violência e opressão, sendo o processo inicial de uma reflexão que visa gerar a sensibilização dos sujeitos à ação para construir a utopia da liberdade, por meio de uma outra forma social, um processo que parte de um movimento individual, mas só se constrói coletivamente. Nesse sentido, não é por acaso que a imagem que precede a carta de Tarô (figura 6) seja a de duas mãos de cores distintas unidas, desenhadas com uma carga dramática em seu traço e evocando também, dessa forma, tanto uma tensão emocional que poderia tender ao conflito quanto essa possibilidade de um início de sua superação.

Figura 6 – Mãos que evocam tensão emocional



Fonte: Moore, Gebbie, 2019, p. 124, tira 2. Acervo dos autores.

Quem guia o leitor nessa descoberta é o próprio escritor atuando como um narrador e ao se colocar também como personagem que expõe traços de subjetividade. Por meio dessa opção de foco narrativo, Alan Moore dialoga textualmente apresentando informações da vida pessoal, partindo de acontecimentos do seu país de origem e das experiências familiares, mas realizando ao mesmo tempo um resgate histórico que produz um novo olhar a respeito dos conflitos armados (figura 7). O narrador estabelece uma conversa, conduzida pelo seu fluxo de pensamento, finalizando com uma ênfase ainda mais direta quando pergunta ao leitor se houve entendimento em relação ao que quis transmitir de informação.

Figura 7 – Um histórico da violência



Fonte: Moore, Gebbie, 2019, p. 127. Acervo dos autores.

Na obra, identifica-se a perspectiva que rompe com binarismos dos discursos com a utilização de recursos como a escrita e o desenho, trazendo elementos da coloração e realizando uma crítica a determinadas narrativas fundantes da história em quadrinhos de super-heróis e de filmes que criam vilões estereotipados, usando representações icônicas de situações clichês com traços cartunescos. O argumento contra a simplificação, presente também desde a primeira página, é retomado: “É perigoso simplificar as coisas, trocar os tons de cinza por um preto e branco de história em quadrinhos”, afirma o narrador, enquanto mostra um tabuleiro de jogo de xadrez a simbolizar o conflito bélico entre peças claras e escuras, sem matizes.

Em oposição à moralização, o texto afirma: “Se o inimigo é mau, não precisa de um motivo. História, política, economia, tudo isso é irrelevante quando se escreve sobre supervilões” (MOORE, GEBBIE, 2019, p.127-128). Tais articulações permitem vislumbrar o posicionamento do narrador em relação a como as informações contribuem para a reprodução de discursos que naturalizam a violência e precisam ser superados. E por isso se enfatiza a necessidade de mediações para compreensão das relações sociais.

Entende-se, portanto, que a ideia de criação e de destruição sustentada na história propõe uma crítica à racionalidade amesquinhada que parte da diferenciação humana. Essa interpretação leva à compreensão da perpetuação

dos conflitos armados ao longo dos séculos. Por isso, Moore realiza um resgate histórico para trazer um aprofundamento da abordagem tratando a realidade do 11 de setembro com uma breve demonstração de como os conflitos de dominação religiosa e econômica se instituem como guerras, sendo mais uma criação e resultado da ação humana.

São referenciados diferentes períodos históricos para tratar do uso da violência como “resolução” de conflitos, mas que também demarcam as diferenças tanto do desenvolvimento da ciência e técnica para a produção de armas quanto da forma de propagação da informação, trazendo a especificidade dos sistemas mais simples ou mais complexos utilizados. Desta forma, duas questões são abordadas e explicitadas como parte da análise do processo sócio-histórico do ponto de vista do debate acerca da violência: a relação entre seres humanos e o uso da força. A tragédia apresentada traz uma perspectiva muito mais ampla de que os atentados não resultam de uma realidade pontual, mas de um processo do uso da força estabelecido anteriormente.

Seguindo esse caminho, ancora-se na definição de barbárie de Menegat (2003), para uma diferenciação e necessária compreensão. O autor realiza o resgate do termo e da disputa semântica entre “o bárbaro e a barbárie”, desde os gregos com a referência ao outro e a qualificação depreciativa “a barbárie é o que está fora”, para dialogar com a realidade da sociedade moderna, resultado do processo colonizador europeu, que acrescenta a esta noção de barbárie uma nova construção presente no termo “civilização”. Entretanto, Menegat estabelece sua própria definição de barbárie ao explicar como a sociedade do capital utiliza a violência como estrutural no seu funcionamento. Defende que, mesmo que em determinados períodos tenha havido momentos de trégua, os resultados do processo colonizador e as experiências do século XX são expressões da barbárie com um conceito que define substancialmente esta civilização, ou seja, trata-se de uma característica:

pertence ao caráter, faz parte da lógica desta civilização produzir a barbárie. Os bárbaros não são estranhos a esta sociedade, sendo tão somente o produto de relações sociais estranhadas. Eles são a própria identidade desta forma social. (MENEGAT, 2003, p. 160).

Em relação ao uso da ciência para o desenvolvimento de armas bélicas, pode-se afirmar que armas brancas, como a espada, possuem poder de morte significativamente inferior, o que também evoca que os conflitos tinham menor dimensão e impacto territorial em comparação com os acontecimentos do século XX, demarcando o uso do conhecimento como ampliação da destruição, como destacado na obra. Cabe, portanto, o entendimento de que, com a expansão da ciência e da técnica, tem-se da arma de fogo (aviões, metralhadoras e bombas) à internet a globalização do conflito, gerando maior poder e dominação por parte de quem detém os recursos para seu desenvolvimento e utilização. Assim, pode-se estabelecer a relação da origem do Talibã e seu poder bélico hoje, mas também desvelar as camadas da barbárie de um estado de guerra perpétua.

Por isso, quando Moore se constitui como narrador conduzindo o fluxo de pensamento a respeito dos acontecimentos dos atentados e estabelece uma comparação com diferentes períodos históricos, sua voz se institui como um movimento de consciência que visa gerar uma reflexão. Ela pode ser analisada como uma forma de incluir o leitor numa perspectiva de participação coletiva de criação, contribuindo para romper com a ideia de uma criatura que aceita a informação de forma passiva.

O narrador nos permite, portanto, uma comparação a respeito das pinturas históricas e seus significados sobre a construção de uma racionalidade humana, tendo o Homem como razão que produz conhecimento e domina a natureza e que se torna, por meio da instrumentalização da ciência e da técnica, quem pode aniquilar a existência humana. Revelando-a como uma construção sócio-histórica, é ele quem nos conduz pela trajetória de um processo moderno colonizador (que gera guerras - locais e mundiais), sob a justificativa de levar a “civilização”, calcada nos valores de uma superioridade do Homem, branco, cristão e europeu para a exploração e o extermínio de indivíduos e populações de diferentes cores, etnias, religiões e gêneros. O poder da criação da civilização é aquilo que autoriza a destruição da natureza e dos seres considerados supérfluos à reprodução capitalista.

Como uma convocação de que se faça das ruínas de suas torres, do colapso vivido, uma oportunidade de aprendizado, Moore conclama: criar um novo tipo de humanidade, uma outra sociabilidade na defesa de uma racionalidade que tenha como base a defesa da vida: “Estamos com você. Quem

quer que você seja”. Assim, na página final, os três últimos quadros rimam com os da primeira página, só que agora com o narrador estabelecendo uma relação direta com a história: “aperte uma vez se estiver entendendo” (MOORE, GEBBIE, 2019, p.128), evocando uma resposta do leitor. Ou seja: dialogando, busca produzir a reflexão para que a construção dessa nova humanidade seja uma criação fruto de um processo conjunto, diferenciando-se dos valores da modernidade, de uma civilização calcada na razão colonizadora presente na obra Criação de Adão, com a figura do Homem branco dando vida à humanidade (figura 8). Nesse novo caminho, propõe que nos reconheçamos como seres iguais, visando transformar a realidade que se sustenta na dominação para gerar coletivamente uma outra sociabilidade. Por isso, a última imagem da história em quadrinhos expressa a cooperação, independentemente de cor, etnia, religião e gênero.

Figura 8 - Criação e cooperação



Fontes: Michelangelo, 1511. Capela Sistina, Vaticano. Imagem disponível em: <https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2008/04/criacao-adao-450x208.jpg>. Acesso em: 18 nov. 2022. Moore, Gebbie, 2019, p. 128. Acervo dos autores.

Como demonstra Manegat (2003, p. 219), a “barbárie não é inevitável, mas é a consequência lógico-histórica do livre desenvolvimento do capital; e tampouco a sua constituição torna-se clara e evidente para seus contemporâneos”, uma vez que a consciência reificada tende a produzir sua naturalização. Por isso, defende-se que a obra de Moore e Gebbie contribui com uma forma de cultura que cumpre um papel relevante ao produzir um estranhamento para tal naturalização, e compreendemos que pode “vir a colocar

indivíduos ou grupos sociais numa rota de colisão com sua fria manifestação.” (MENEGAT, 2003, p. 219).

Afirma-se, assim, que Moore sustenta ideias que compõem uma ética moral, como descrita por Chauí (2000), no sentido de questionar valores criados socialmente que parecem existir por si e em si mesmos, pois a autora possibilita a reflexão da importância da consciência do agente moral para se tornar um sujeito com atitude crítica, a partir do conhecimento de suas motivações e escolhas, sempre pensando em um bem viver coletivo. Por isso, a obra em quadrinhos, ao apresentar uma perspectiva diferenciada dos atentados e do uso da violência, traz como horizonte uma utopia, um porvir como promessa, hoje, do que se deve realizar: a constituição de uma nova humanidade que permita a todos seguir na mesma direção, na construção de uma sociedade verdadeiramente livre e igualitária. O que, sustenta-se, só pode ser realizável com o fim do sistema capitalista.

Considerações finais

Compreende-se a potencialidade das histórias em quadrinhos para a análise e reflexão da realidade apresentando, por meio do discurso gráfico-narrativo-visual e da apropriação de características de outras artes, sua especificidade enquanto obra. Nesse sentido, os recursos utilizados por Alan Moore e Melinda Gebbie permitem ao leitor a aproximação com o processo sócio-histórico e a complexidade dos acontecimentos do 11 de setembro, rompendo com uma visão de simplificação moralizante dos fatos, ao abordar elementos estruturais da sociedade capitalista para uma nova abordagem da condição humana.

A investigação das articulações entre os recursos plurais que constituem a linguagem da mídia dos quadrinhos, que estão estruturados de modo particular na obra estudada, foram desenvolvidas para evidenciar a noção de equilíbrio, presente desde a escolha do grid classicista e de todo o ecossistema pensado como proposta de superação de eventuais simplificações, o que envolve o agenciamento simbólico, dentre tantas outras referências culturais, da moralidade dos gibis tradicionais do *mainstream* de super-heróis dos Estados Unidos.

A história de Moore apresenta-se como um alerta ante à desesperadora realidade vivenciada pela sociedade contemporânea que produz especialistas

na destruição e envolve grandes massas em torno da produção de massacres. O que chama ainda mais atenção é como os seres humanos entendem todo esse funcionamento violento como progresso, tendo a ciência e a técnica instrumentalizadas voltadas para esse fim. Compreende-se, portanto, que há um ponto cego não vislumbrado nesse caminho, a irracionalidade das ações automáticas que pode conduzir todos à morte.

A ausência de seres capazes de um verdadeiro conhecimento conduziu a humanidade para as ruínas; a saída é resgatar a ideia de um porvir. Os sujeitos devem ser capazes de realizar escolhas conscientes, rompendo com a forma capitalista de manutenção das estruturas de dominação. Por meio da obra estudada, pode-se ler esse convite, ao demonstrar que a vida de qualquer ser é mais complexa, cheia de energia e importância que a reprodução de um sistema que, tendo por fim o lucro, limita a potencialidade humana.

Referências

BARBIERI, Daniele. *As linguagens dos quadrinhos*. São Paulo: Peirópolis, 2017.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

GROENSTEEN, Thierry. *O sistema dos quadrinhos*. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.

MENEGAT, Marildo. *Depois do fim do mundo: a crise da modernidade e a barbárie*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2003.

MOORE, Alan; GEBBIE, Melinda. Isso é informação. In: MOORE, Alan; SOBEL, Marc. *10 histórias brilhantes*. São Paulo: Mythos, 2019. p. 122-131.

MOORE, Alan; SOBEL, Marc. *10 histórias brilhantes*. São Paulo: Mythos, 2019.

POSTEMA, Barbara. *Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos*. São Paulo: Peirópolis, 2018.

Submissão: 30.09.2022

Aprovação: 09.11.2022